

REFLEXÕES HISTÓRICAS: A MÍSTICA EM S. CAMILLO DE LELLIS

Anderson Luiz Tedesco*
Paulino Eidt**

Resumo

Objetivou-se neste artigo discorrer a respeito da mística em S. Camillo de Lellis como pressuposto fundamental na constituição da *práxis* humana. Para tanto, seguiu-se uma perspectiva metodológica de revisão bibliográfica de literatura acerca das principais obras sobre a mística e a vida do santo italiano em fontes originais. Concluindo-se, dessa forma que a *práxis* de S. Camillo de Lellis se fundamentava no amor à Deus e no amar aos doentes, contagiando seguidores de outras cidades, regiões e países. Desse modo, a caridade de S. Camillo, oriunda de sua experiência mística e profética, expandiu-se pelo mundo afora de maneira concreta no cuidado-místico aos doentes.

Palavras-chave: Amor. Cuidado. Mística.

1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste escrito, em um primeiro momento, é descrever alguns aspectos históricos relacionados à vida de S. Camillo e fundamentar sua *práxis* caritativa como mística. Para tanto, utilizou-se de referência o texto em italiano, escrita pelo P. Sanzio Ciccattelli M. I. “*VITA DEL P. CAMILLO DE LELLIS*”, entre outras. Sublinha-se, também, a fins metodológicos, como um estudo de caráter bibliográfico, com o intuito de tornar conhecida a vida do santo no Brasil e, como salientado, de constituir argumentos que o caracterizem pelo viés filosófico e teológico, um verdadeiro místico em sua historicidade mundana.

Camillo de Lellis nasceu na Itália, em Bocchianico, pequena cidade pertencente à Província de Abruzzo, dentro do reinado de Nápoles, no dia 25 de maio de 1550. Filho de Giovanni de Lellis e de Camilla Compellio di Laureto, ambos de Abruzzo, o santo nasceu em berço modesto. O pai tinha por profissão a arte da guerra: era soldado e capitão de infantaria ao passo que a mãe se dedicava ao cuidado do lar.

Camillo era o segundo filho do casal. O primeiro, de nome Giuseppe, morreu ainda criança, logo nos primeiros anos do matrimônio, enquanto Camillo nasceu trinta anos mais tarde, quando seus pais já estavam em idade avançada. Para surpresa de todos, inclusive de si mesma, Camilla sente-se grávida pela segunda vez depois dos 50 anos. Por isso foi chamada de Santa Isabel, a mãe de João Batista, que também engravidou em idade avançada.

* Licenciado em Filosofia e especialista em Bioética e Pastoral da Saúde pelo Centro Universitário São Camilo e Mestre em Educação pela Universidade do Oeste de Santa Catarina; andersonunoesc@hotmail.com.

** Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; professor do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Oeste de Santa Catarina; paulino.eidt@unoesc.edu.br

Quando Camilla sentiu as contrações do parto, estava na missa solene de S. Urbano, padroeiro da igreja de Bocchianico. Por pouco o filho não nasce na igreja durante a missa. A mãe nem teve tempo de chegar em casa. Camillo nasce na estrebaria, tal como Jesus.

Sua infância foi, de certa forma, bem conturbada. Ele frequentou a escola, porém, pouco aprendeu - mal sabia ler e escrever. Contudo, muito aprendeu das artes do mundo: o jogo de baralho, de dados, etc.

Com a morte de sua mãe, ao completar 18 anos, Camillo alistou-se no exército com seu pai. Porém, não conseguiram chegar ao local da guerra pelo fato de seu pai ter adoecido gravemente, falecendo dias mais tarde. Nessa ocasião, o santo tem o primeiro contato com os franciscanos, pois foram eles quem fizeram o enterro do seu pai.

Camillo sem sua mãe e sem seu pai sofre outro infortúnio. Aparece-lhe no pé direito uma pequena ferida que toma conta de sua perna com o passar dos dias. Completamente abalado emocional e fisicamente, o santo depara-se com dois frades franciscanos. O encontro com os religiosos despertou nele um desejo de se tornar religioso desta Ordem. Porém, seu tio Frei Paulo de Loreto não quis aceitá-lo por saber de seu passado mundano.

Rejeitado pelos franciscanos, Camillo viaja para Roma, onde se interna no Hospital S. Giacomo delli Incurabili, com o intuito de tratar de sua chaga. Em troca do tratamento, ajuda nos afazeres do Hospital. Porém, é demitido pelo mordomo Ângelo Napolitano, por ser “cabeça dura” e por estar sempre envolvido em jogos de baralho.

Sem um norte, Camillo retorna às aventuras ligadas à guerra. Contudo, todo o heroísmo conquistado como soldado é colocado abaixo por causa de seu vício pelo jogo, que o faz perder tudo: dinheiro, espada e até mesmo a camisa.

Nestas condições, a solução seria pedir esmola. Ele assim fez. Com pena de vê-lo nessa situação mendigante, Antônio de Nicastro, procurador dos padres capuchinhos, convida-o a trabalhar na construção de um convento em troca de comida e alguns trocados. Camillo relutou, mas não vendo situação melhor, aceitou o convite.

Sua função na construção do convento era a de transportar água, pedras e cal por meio de dois jumentos. Terminada a construção, recebeu outros serviços. Certa vez, foi ao convento de S. João na Manfredônia buscar vinho. Durante a viagem, Camillo refletiu profundamente sobre sua vida pecaminosa. Em determinado momento, cai por terra ajoelhando-se sobre uma pedra. Entre soluços e lágrimas, chora por causa de sua triste vida passada. Arrepende-se por não a ter dedicado toda a Deus “*Ah misero et infelice me che gran cecità è stata la mia a non conoscere prima il mio Signore? perche non hò io speso tutta la mia vita in servirlo? perdona Signore, perdona a questo gran peccatore.*” (CICATELLI, 1980, p. 46, tradução nossa).¹

Esse fato aconteceu no dia 02 de fevereiro de 1575, dia da Imaculada Virgem Maria, sendo considerado o dia de sua conversão. A partir desse fato, Camillo mudou de vida, assumindo uma vida de penitência. Decide ser capuchinho, porém a chaga no pé volta a incomodá-lo. E o superior provincial Frei João Maria de Thusa, pede-lhe para sair da Ordem, prometendo-lhe que quando recuperado poderia retornar.

Dessa forma, Camilo retorna para Roma, ao Hospital S. Giacomo delli Incurabili, com o objetivo de se tratar e ajudar nas obras de misericórdia. Seu comportamento era o de um novo homem. Camillo escolhe para ser seu orientador espiritual o P. Felipe Néri, fundador da Congregação do Oratório. Com ele, confessava-se todos os domingos e dias santos. Assim que sarou da chaga, Camillo tentou ser capuchinho pela segunda vez, porém foi demitido, porque o grosso hábito, em contato com o pé, fez com que a chaga voltasse a abrir.

Ao retornar ao Hospital S. Giacomo delli Incurabili é nomeado mordomo “ [...] *solendo dir lui: già che Iddio non m'há voluto Cappuccino ne in quello stato di penitenza, dove tanto desideravo di stare e morire, è segno adunque che mi vuole qui nel servizio di questi poveri suoi infermi.*” (CICATELLI, 1980, p.50, tradução nossa).² Contudo, o desejo de ser Frade de S. Francisco, ainda o perturbava. Tentou ser frade pela terceira vez, mas o próprio Frei João Maria de Thuse o impediu lavrando uma ata no dia 26 de novembro de 1580.

No contato com a realidade hospitalar, Camillo percebe que para melhor ajudar os doentes, seria preciso fundar uma Companhia de homens bons. Na época, os doentes eram assistidos por presos que pagavam sua pena realizando esse tipo de serviço. Ele tem então a inspiração de instituir um grupo de homens piedosos que voluntariamente e por amor a Deus cuidassem dos doentes imbuídos da mesma ternura e carinho com que uma mãe cuida de próprio filho enfermo.

No entanto, Camillo encontrou dificuldades para concretizar sua ideia de fundar um grupo de voluntários no atendimento dos enfermos. Alguns dos trabalhadores do hospital, que não foram chamados por Camillo para fazer parte da Companhia, movidos por inveja, difamaram-no com os diretores. Segundo eles, a intenção de Camillo seria a de assumir a direção do hospital. Diante disso, os diretores o obrigaram a desfazer o grupo.

Camillo sente o mundo vir a baixo. Desanimado, vai rezar diante do crucifixo. Quase adormecido, vê o crucificado desprender a cabeça da cruz, soltar um braço e encorajá-lo, dizendo “[...] *non temer pusillanimo camina avanti ch'io t'aiutarò e sarò con teco, e cavarò gran frutto da questa prohibitione; e questo detto sparve la visione*” (CICATELLI, 1980, p.55, tradução nossa).³

A partir desta visão, nada mais lhe impede de fundar a Companhia. Primeiramente, resolve ser padre, a fim de atender os doentes por completo, espiritual e corporalmente. Camillo celebra sua primeira missa no dia 10 de junho de 1584 na igreja do Hospital S. Giacomo. Depois disso, Camillo deixa o Hospital e, com os outros companheiros, vai à Igreja Nossa Senhora dos Milagres. Tal atitude fez com que o P. Felipe, seu diretor espiritual, não mais o atendesse por não acreditar na ideia de Camillo.

Entretanto, no dia 18 de março de 1586 o então papa Sisto V aprova a Companhia de Camillo dando-lhe o *status* de Congregação e permite que seus membros tenham um distintivo próprio, a cruz vermelha usada a partir do dia 26 de junho do mesmo ano. O primeiro nome que Camillo deu à Companhia foi o de Servos dos Enfermos. Depois adotou o nome de Ministros dos Enfermos.

Depois de comprar a Igreja de Nossa Senhora Madalena em Roma, o carisma camiliano começa a se disseminar pelas cidades da Itália. Os Ministros dos Enfermos foram chamados de padres da boa morte, em razão dos serviços prestados nas grandes epidemias da época, ajudando especialmente os moribundos.

Em virtude das obras de caridade realizadas pela Congregação, o então papa da época, Gregório XIV, a eleva ao *status* de Ordem, tornando pública a bula de fundação no dia 21 de setembro de 1591. Muito feliz, Camillo profere essas palavras:

Vi rendo infinite gratie Signore da parte anco di tutti questi miei figliuoli che nelle viscere della pietà vostra hò generati perche vi sete degnato di consolarci e d'haver inspirato al Santissimo Papa, e Padre nostro Gregorio di stabilire quest'humile pianticella non da me huomo vilissimo, ma dalla vostra potente mano piantata (CICATELLI, 1980, p. 116, tradução nossa).⁴

Camillo governa a Ordem por 27 anos. Depois que ela passou por obstáculos terríveis de maneira humilde e tão logo a percebeu bem estruturada, o santo deixa seu cargo para melhor servir os doentes no Hospital.

No decorrer da vida, Camillo teve cinco misericórdias, como nos descreve Ciatelli (1980, p. 437). A primeira foi uma chaga incurável na perna direita a qual suportou por mais de 46 anos. A segunda foi o surgimento de uma hérnia, em razão dos muitos esforços físicos. Ele chegou a usar um cinturão de ferro para segurá-la durante 38 anos. A terceira foi o surgimento de dois calos enormes na sola do pé direito. As dores provocadas por eles eram semelhantes a espinhos encravados, as quais aguentou por mais de 25 anos. A quarta foram as dores que sentia nos lados causadas por pedras nos rins. Algumas que chegaram a ser expelidas eram do tamanho de uma azeitona. Sofreu desse mal por 10 anos. A quinta e última foi a falta de apetite. Nenhum alimento lhe dava satisfação em um período de 30 meses.

Camillo morreu no dia 14 de julho de 1614 às nove da noite, dia de S. Boaventura. Tinha 64 anos, um mês e vinte dias de vida. Destes, viveu 40 anos como convertido a Deus. Faleceu 28 anos após a aprovação da Congregação por Sisto V e 23 após a Constituição da Ordem pelo Papa Gregório XIV.

Por fim, como fato curioso, três dias depois de morto, Camillo apresentava uma postura dócil. O fato mais sobrenatural ocorreu no estado de seu corpo, que sofreu tantas moléstias e depois da morte se apresentava em estado normal, sem dano algum.

2 O CONCEITO DE MÍSTICA

Nesta segunda parte são abordados os aspectos filosóficos do conceito de mística a partir do livro *Experiência Mística e filosofia na tradição ocidental*, escrito por Henrique de Lima Vaz.

A reflexão que Vaz (2000, p. 9) elabora pode ser classificada como erudita. Ora, refletir de maneira erudita sobre o conceito de mística, certamente trará desconforto

para aqueles que a estudam, por causa de sua banalização. O autor afirma que o conceito é usado de forma inapropriada no campo da política, da economia, do esporte, etc. Infelizmente o uso do conceito mística toma o mesmo rumo do conceito sobre ética, isto é, ambos passam por um esvaziamento semântico.

Segundo Vaz (2000, p. 9) a forma pela qual se deveria pensar a mística, seria a de uma forma superior de experiência, de natureza religiosa, ou religioso-filosófica, que se torna consistente dentro de um plano transracional, não aquém mas além da razão, interferindo nas estruturas psíquicas do indivíduo. Tal experiência traz como consequência ao indivíduo as mais altas formas de conhecimento e amor em sua existência histórica.

A experiência mística que acontece somente dentro do plano transracional faz com que a linguagem do místico se torne vaga e supérflua por acontecer em um momento em que a razão cessa, a fim de que brote o conhecimento e o amor para com o Absoluto. Esse fenômeno não pode ser transmitido porque é exclusivamente singular.

De maneira mais clara, Vaz (2000, p. 17) defende a singularidade da experiência mística justamente como uma experiência frutiva. O indivíduo que experimenta a fruição do Absoluto como mistério é denominado místico. Em um primeiro momento, a relação do místico com o mistério é de caráter subjetivo, após, nasce a mística como reflexão acerca da experiência do místico.

Nesse sentido, segundo Vaz (2000, p. 17), a experiência mística pode ser representada por um triângulo: a ponta superior é a mística vista como reflexão sobre a relação místico-mistério ao passo que uma das pontas inferiores é o místico e a outra é o mistério, objeto da experiência.

Vale dizer que Vaz (2000, p. 19) apresenta a experiência mística como aquela que afeta de maneira antropológica-filosófica. Primeiramente eleva o espírito em sentido ontológico acima dos demais níveis pertencentes à estrutura humana. Depois, há uma dialética interior-exterior bem como inferior-superior, para essa constituição do espírito-no-mundo, como que em uma espécie de quiasmo, ou seja, o interior se relaciona com o superior e o exterior com o inferior.

Ontologicamente, o mais íntimo de nós é a parte mais elevada de nosso espírito. A relação dialética desencadeada pela experiência mística revela o sentido íntimo (*interior intimo*) de nossas estruturas. No íntimo do ser ocorre a manifestação do Absoluto (*superior sommo*). Segundo Vaz (2000, p. 19), o ato espiritual mais elevado é o ato da inteligência espiritual. Só este ato pode acolher e explicar de maneira autêntica a experiência mística.

Percebe-se, dessa maneira, que a experiência do Absoluto relatada pelos testemunhos dos místicos é necessariamente fundamentada em um patamar antropológico, tendo uma dupla dimensão de transcendência. Em primeiro lugar, a transcendência da inteligência espiritual, está acima do nosso entendimento discursivo e do livre-arbítrio, como do nosso próprio psiquismo; e em segundo lugar, a transcendência ontológica, por parte do Absoluto, em relação ao sujeito finito que se torna unido na experiência mística (VAZ, 2000, p. 21).

Pelo que foi exposto até agora, percebe-se que o texto de Lima Vaz ajuda a refletir não apenas sobre o conceito da mística, mas também a respeito do modo como acontece a experiência mística. Isso posto, pode-se agora apresentar os três tipos de mística analisadas por Vaz (2000, p. 29): a mística especulativa, a mística mistérica e a mística profética.

Vale dizer que em relação a estes três aspectos da mística, será apresentada uma definição acerca de cada uma delas. No entanto, será ressaltada sobretudo a mística profética, por ser a que mais caracteriza a vivência de S. Camillo e sua abertura para com o Absoluto.

A mística especulativa é, certamente, uma mística do *logos*, do conhecimento, a qual procura voltar o pensamento filosófico para com o mistério do Ser e descobrir de maneira profunda os pensamentos insondáveis e inefáveis que vão além da nossa mera natureza humana (VAZ, 2000, p. 30).

A mística mistérica é justamente a experiência com o divino (*theîon*) ou “deus” (*Theós*). A principal diferença em relação à mística especulativa reside no fato de que a experiência de Deus se desenvolve em um espaço sagrado (VAZ, 2000, p. 47).

Por último, a mística profética se constitui a partir da Palavra, da Revelação, comunicada e vivida ao longo da tradição bíblico-cristã. O conceito da mística profética, segundo o teólogo Balthasar ^(1989, p. 773), é originário da Bíblia, de modo particular do Novo Testamento, não obstante os termos mística e místico não surgirem em sentido técnico na Sagrada Escritura. No entanto, podem ser derivados do termo *mysterion*, entendido como o dom místico que floresce na Igreja por meio do profetismo do homem bíblico (VAZ, 2000, p. 58).

Em resumo, podemos dizer que a mística especulativa, mística do conhecimento, isto é do saber (*gnosis*) e da contemplação (*theori*) é contrária à mística mistérica, mística da vida, isto é, da assimilação (*homoíosis*) e da divinização (*theíosis*), enquanto que a mística profética é a mística por excelência da audição da Palavra, isto é, da fé (*pístis*) e da caridade (*agape*) (VAZ, 2000, p. 57).

Vaz (2000, p. 57) apresenta uma mística profética, que floresce no terreno da Palavra de Deus, revelada por meio de seu filho Jesus. Ela é ouvida e obedecida por aqueles que tem fé. Portanto, a Palavra ouvida cresce até alcançar o caminho mais perfeito, o qual dá realidade e consistência aos demais caminhos. Este é o caminho da caridade.

A mística profética é genuinamente cristã. Segundo Vaz (2000, p. 59), ela pode ser conhecida em largura e extensão e em altura e profundidade por meio da caridade (*agape*) advinda do conhecimento (*gnosis*) de Cristo. É a mística da Palavra e do Mistério, Revelação de Deus, por meio de seu Filho. É a Palavra como anúncio e o Mistério como profundidade insondável do anunciado. Na experiência mística profética, ao assimilar a Palavra, o Verbo feito carne, o místico começa a desvelar o mistério escondido, Cristo em nós, esperança da glória (VAZ, 2000, p. 59).

3 O ÁGAPE ENTENDIDO COMO MÍSTICA DE S. CAMILLO

A segunda parte deste trabalho procurou refletir sobre o conceito de mística e seus aspectos, ressaltando, sobretudo, a mística profética como mística da caridade (*agape*), entendida também como mística do amor ou da misericórdia. Partindo disso, penso que S. Camillo viveu de maneira intensa a mística profética, portanto, a mística da Palavra, que necessariamente encaminha o cristão para a vivência do amor.

Para compreender o conceito de *agape*, tomamos como base a Encíclica: *Deus é amor (Deus Caritas Est)* do Papa Bento XVI (2005, p. 13-14). Segundo ele, o homem torna-se realmente ele mesmo quando corpo e alma se encontram em íntima unidade. Não pode haver separação no conceito do amor-ágape em *eros* e ou *philia*. Bento XVI propõe um conceito que parte do centro, isto é, da cruz à ressurreição: é o caminho do grão de trigo que cai na terra, morre e assim dá muito fruto. Esse é o amor (*agape*) em sua plenitude. Para que outros vivam, precisamos morrer.

Nos textos de S. Camillo, organizados pelo historiador da Ordem P. Mário Vanti M. I., cujo título é “*SCRITTI di San Camillo de Lellis*”, são apresentados três *Fórmulas de vida* (VANTI, 1965, p. 95-101) para aqueles que querem fazer parte da Ordem.

Atenho-me na *fórmula B*. A primeira recomendação que Camillo faz é a de que os que querem seguir a prática da misericórdia, inspirados por Deus, devem estar mortos para o mundo, isto é, parentes, amigos e bens temporais, a fim de que vivam de maneira única para o Cristo crucificado:

Se alcuno inspirato dal Signore Iddio vorrà esercitare. l' opre di/ misericordia, corporali, et spirituali secondo il Nostro Instituto, / Sappia che ha da esser morto a tutte le cose del mondo, / cioè a Parenti, Amici, robbe, et a se stesso, et vivere solamente/ a Giesù Crocifisso (VANTI, 1965, p. 97, tradução nossa).⁵

Ele faz uma exortação profunda inspirando-se na *Primeira Carta de S. João* (1Jo 4, 8-16): “Deve-se estar morto para si, ninguém tem maior amor que aquele que dá a vida por seus amigos.” É esta palavra, ouvida e saboreada por ele, que se torna caridade. Portanto, é a mística profética abordada anteriormente.

Analiso agora a *Carta Testamento*, escrita por Camillo no dia 10 de julho de 1614, também encontrada na obra “*SCRITTI di San Camillo de Lellis*” (VANTI, 1965, p. 434-464). Ele escreve esta *Carta Testamentária* em forma de documento. Nela, revela sua preocupação em relação ao papel daqueles que dariam continuidade ao Instituto, para que procurem viver a santidade e no final conquistem a glória eterna “[...] *mi pare, che manchiera del debito mio avanti che finisca questa vita poichè per me quasi indubita mente, fra pochi gior ni andarò all'a ltra vita ritrovandomi gravissimo delle mei infermità.*” (VANTI, 1965, p. 452, tradução nossa).⁶

Segundo o papa Bento XIV, um grande estudioso de São Camilo, o santo recebeu de Deus, além do dom da caridade, outros dons sobrenaturais, como profecia, cura e poder sobre as leis da natureza. Esta descrição das virtudes de Camillo pode ser encontrada

na Bula de canonização “*Misericordiae Studium*”, encontrada de maneira traduzida na revista *Camilianos do Brasil*. A comprovação de que Camillo possuía estes dons pode ser obtida por meio de suas ações descritas por Cicutelli (1980, p. 227). Em particular, o dom da profecia, pode ser verificado na *Carta Testamento*.

O que desperta atenção na *Carta Testamento*, é a exortação bíblica que Camillo faz, pela qual nos mostra que toda missão da caridade deve estar de acordo com o Evangelho e com a doutrina de Cristo, para assim estar de acordo com a Divina Majestade.

Essa profundidade com que Camillo fundamenta sua caridade no Evangelho pode ser entendida como mística profética, pois é a ação da Palavra que realiza no ouvinte o anúncio feito por Jesus. E tão somente por meio Dele, Camillo exerce sua caridade para com os doentes.

Como o próprio santo diz: “[...] trata-se de caridade sublime, aceita e agradável não só a Deus, mas também aos homens, a tal ponto que, por assim dizer se tiverem um pedaço de pão, o dividirão ao meio conosco.”

Por fim, não poderia deixar de analisar também o *Testamento Espiritual* de Camillo de Lellis (VANTI, 1965, p. 476-486). Nesse escrito, ele se arrepende do íntimo de sua alma por ter ofendido sua Divina Majestade. Diz preferir morrer quando pensa nisso, antes de ter ofendido com o menor dos pecados a Deus.

Camillo, após se arrepender perante Deus, nos escreve que quer trocar essa vida terrena pela posse do céu, essa coisa transitória pelas eternas, quer deixar esses prazeres terrenos pelas glórias celestes, bem como as esperanças efêmeras pela certeza da salvação eterna:

Item lascio al mondo tutte le vanità, tutte le cose transitorie, tutti i piaceri mondani, tutte le vane speranze, tutte le robbe, tutti li Amici, tutti li Parenti, e tutte le curiosità, ma mi contento, e voglio conformarmi con il divin volere in lasciar il Mondo, e desidero cambiare questa terrana vita con la certezza del Paradiso queste cose transitorie con le eterne, li mondani piaceri con la gloria del Ciolo (VANTI, 1965, p. 483, tradução nossa).⁷

4 A CARIDADE EM ALTURA, PROFUNDIDADE, LARGURA E EXTENSÃO

O objetivo desta parte é verificar a possibilidade apresentada por Vaz (2000, p. 59) de medir a caridade em altura e profundidade, em largura e extensão. Para tanto, será usada a Bula de Canonização de S. Camillo, *Misericordiae Studium*, escrita no dia 29 de junho de 1746, pelo papa Bento XIV (2004, p. 13-15). A parte da bula em que tal possibilidade aparece de modo mais evidente se intitula *As virtudes de S. Camilo, principalmente a caridade*.

Começemos pela altura. Em Camillo, a caridade era provinda de Deus e a Ele retornava, por meio das obras que realizava, de tal modo que o próprio Santo dizia que gostaria de ter não uma, mas mil vidas para assim amar mais seu Criador - Aquele que lhe deu o dom da caridade, mas também o dom da profecia, da cura, do poder sobre as leis da natureza.

A profundidade da caridade em Camillo evidencia-se, sobretudo, pela sua consciência de pequenez. Mesmo que possuísse inúmeros dons, sabia que nunca agradaria a Deus. Além disso, a consciência da pequenez transparece no seu desapego ao mais alto cargo na Ordem. Sendo Camillo o Fundador e Superior Geral da Ordem por 27 anos, dá grande exemplo de humilde quando renúncia a tal cargo, mostrando que veio para servir e não para ser servido.

Nota-se a largura da caridade em Camillo, em seu coração bondoso, como o de um pai que mesmo tendo sofrido por causa de filho, o perdoa e acolhe. Tamanha era a largura de sua caridade que se pode comprová-la ao ler a obra do P. Sanzio Cicutelli M.I. “VITA DEL P. CAMILLO DE LELLIS”, de modo especial o apêndice “*Delle cinque misericordie, Che fece il Signore al Suo Servo Camillo*”, cap. XV, p. 437. Camillo sofria duramente em seu corpo. No entanto, jamais deixou de atender amorosamente aos seus doentes-patrões. Além, tal era a largura de sua caridade que se esquecia de se alimentar e de dormir. Chegava a desmaiar de cansaço e desgaste. Mas por causa da Palavra de Deus que tocava no âmago de seu ser, se sentia impelido a dar uma resposta ao mundo exterior, doando sua vida em prol dos doentes.

5 CONCLUSÃO

Ao longo dessa reflexão, percebeu-se que quando a criatura humana é escolhida por Deus, por meio de seu filho Jesus Cristo, necessariamente ela deve dar uma resposta às necessidades do mundo. San Camillo foi escolhido por Deus e de maneira humilde e amorosa atendeu ao pedido do Criador ao mostrar a todos o quão grande é sua extensão de amor para com aqueles que sofrem. Portanto, a extensão de seu amor jamais se limitou aos quartos de hospitais, percorrendo outras regiões, cidades e países. Desse modo, a caridade de S. Camillo, oriunda de sua experiência mística e profética, expandiu-se pelo mundo afora de maneira concreta no cuidado aos doentes.

Historical reflections: The Mystical in S. Camillo de Lellis

Abstract

The objective of this article is discourse about the mystical in S. Camillo de Lellis as fundamental assumption in the constitution of human praxis. Therefore, followed a methodological perspective of bibliographic review of the literature; about the principals works related to the mystical and the life of the Italian saint, in the original sources. Concluding that the praxis of S. Camillo de Lellis was based on love for God, and love for patients, influencing followers of other cities, regions and countries. Thus the charity of S. Camillo, deriving from a mystical experience and prophetic expanded around the world concretely in mystical care to patients.

Keywords: Love. Care. Mystical.

Notas explicativas

¹ Ai, pobre e infeliz de mim! Que grande cegueira a minha por não ter conhecido antes o meu Deus! Por que não dediquei toda a minha vida ao seu serviço? Perdoa, Senhor, perdoai este grande pecador!

² Costumava dizer: já que Deus não me quis Capuchinho nem naquele estado de penitência, onde tanto desejei viver e morrer, é sinal que me quer aqui, a serviço desses seus pobres enfermos.

³ Não tenhas medo, pusilânime! Segue em frente que eu te ajudarei e estarei contigo e tirarei muito proveito dessa proibição; dito isto; a visão desapareceu.

⁴ Dou-vos infinitas graças, Senhor, também da parte desses meus filhos, que gerei nas entranhas de vossa misericórdia, por nos terdes atendido e inspirado o nosso S. Padre e Papa Gregório a aprovar esta humilde plantinha, plantada não por mim, homem muito vil, mas por vossa poderosa mão. (tradução nossa).

⁵ Se alguém, inspirado por Deus, quiser praticar as obras de misericórdia, corporais e espirituais, no nosso Instituto, saiba que deverá estar morto para todas as coisas do mundo, isto é, parentes, amigos, bens temporais e até para si mesmo e viver unicamente para Cristo Crucificado.

⁶ Tenho a impressão de que estaria faltando à minha obrigação, antes de acabar a minha vida terrena, pois é quase certo que dentro de alguns dias irei para a outra vida por causa de minhas longas enfermidades.

⁷ Deixo ao mundo todas as vaidades, as coisas transitórias, os prazeres terrenos, as esperanças vãs, os bens materiais, os amigos, os parentes, e todas as curiosidades. Aceito deixar o mundo e submeto-me à vontade divina. Quero trocar a vida terrena pela posse do céu, as coisas transitórias pelas eternas, os prazeres terrenos pela glória celeste.

REFERÊNCIAS

BALTHASAR. A mística cristã. IN: FIORE, Stefano di; GOFFI, Tullio. **Dicionário de espiritualidade**. São Paulo: Paulinas, 1989.

BENTO XIV. Misericordiae Studium: Bula de Canonização de São Camilo. Tradução Júlio Munaro. In: **Camilianos do Brasil**, ano I, n. 2, set./dez. Província Camiliana Brasileira: Edições Loyola, 2004. 11-17 p.

BENTO XVI. **Deus é amor**. São Paulo: Loyola, Paulus, 2006. 52 p.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Tradução Joaquim de Avuda Zanith. São Paulo: Edições Paulinas.

BORREELLO, L. et al. **Dicionário de mística**. São Paulo: Paulus, 2003.

CICATELLI, Sanzio. **Vita Del P. Camillo De Lellis**. Roma: Curia Generalizia, 1980. 486 p.

VAZ, Henrique. **Antropologia Filosófica I**. São Paulo: Loyola, 6. ed. 2001. 301 p.

_____. **Experiência Mística e Filosofia na Tradição Ocidental**. São Paulo: Loyola, 2000. 90 p.

VANTI, Mario. **Scritti di san Camillo de Lellis**. Roma: Piazza della Maddalena, 1965. 501 p.